

Encontros e conversas – pela cultura da paz e superação da violência doméstica

CARTILHA DE ESTUDOS E CELEBRAÇÕES

*As Igrejas dizem NÃO
à violência contra a mulher*



2007

© IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
Rua Senhor dos Passos, 202 – 4º andar
Caixa Postal 2876
90001-970 Porto Alegre/RS
Tel.: (51) 3221-3433
Fax: (51) 3225-7244
secretariageral@ieclb.org.br
presidencia@ieclb.org.br
www.luteranos.com.br

Organização: Elaine Gleci Neuenfeldt

Revisão: Susanne Buchweitz, Carlos Gilberto Bock e Elaine Gleci
Neuenfeldt

Foto da capa: Susanne Buchweitz

Arte-finalização: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

ISBN: 978-85-7733-028-7



Rua João Batista de Freitas, 558
Cx. Postal 1051 – Bairro Scharlau
Fone/Fax: (51) 3568-3225
93121-970 São Leopoldo/RS
contexto@cebi.org.br

Sumário

Apresentação	4
Motivação e engajamento	7
25 de novembro: Dia Internacional de Combate à Violência contra contra as Mulheres	9
Amor além das barreiras	12
Uma realidade a ser transformada	16
Liturgia de acolhimento e auxílio	21
Paz, é possível!?	26
Família e Violência Doméstica	34
Encontros e conversas que dizem NÃO à Violência contra as mulheres .	37
Celebração: Vencendo a Violência: falar e não mais silenciar	41

Apresentação

Walter Altmann

Pastor Presidente da IECLB

No plano de ofertas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) há a previsão de uma oferta nacional para o “trabalho com mulheres e coordenação de gênero”. O termo *gênero*, mesmo que já seja usado de forma relativamente ampla, em diferentes setores da sociedade, ainda não é conhecido de uma forma mais geral, também na IECLB, e muitas vezes tem sido alvo de interpretações distorcidas. Qual é, então, o significado de gênero? O dicionário Houaiss traz a seguinte definição: “conceito geral que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um dado grupo ou classe de seres ou de objetos”. E complementa: “conjunto de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades”. Em geral, quando usamos o conceito gênero, o fazemos para designar o que caracteriza as mulheres e os homens nas suas diferenças, mas também a forma como mulheres e homens desenvolvem suas relações entre si.

A novidade desse conceito está na compreensão de que os atributos masculinos e femininos não são definidos somente pela biologia (nossa herança genética), mas são também moldados e construídos historicamente, nos diferentes contextos sócio-culturais. Dito de outra forma, o que define o ser homem e o ser mulher não são apenas as suas características sexuais, mas uma gama de informações que recebemos desde o nascimento, e que nos informam sobre as atitudes que se esperam de nós enquanto representantes do sexo masculino e do sexo feminino. A esse conjunto de valores e de informações biológicas, culturais e religiosas que ajudam a conformar a nossa identidade, seja feminina ou masculina, designamos de *gênero*. Esses valores, por sua vez, são reproduzidos ou moldados através da educação que recebemos na família, na escola, na igreja e através dos meios de comunicação. Gênero é, assim, um importante elemento constitutivo de nossas relações sociais. Na medida em que as sociedades vão se transformando historicamente,

também as relações de gênero sofrem mudanças ao longo das gerações.

Do ponto de vista de gênero, nossa cultura atual fomenta e possibilita uma maior igualdade de direitos entre mulheres e homens. Contudo, trata-se de uma realidade ainda restrita a uma parcela da população. Há efetivamente muitas adversidades que precisam ser superadas para que possamos alcançar relações mais justas, entre homens e mulheres, na nossa sociedade. Não raras vezes, as mulheres são discriminadas socialmente, e enfrentam maiores dificuldades para o pleno desenvolvimento de suas capacidades. Mas também os homens, na medida em que ficam reféns de um modelo machista, são igualmente impedidos de desenvolver sua existência de forma mais plena.

Outra tendência significativa que podemos constatar na cultura atual, do ponto de vista de gênero, são as significativas transformações nas relações interpessoais entre homens e mulheres. Essas transformações se refletem, não por último, nas relações conjugais e nos atuais modelos de famílias. Entre os aspectos favoráveis deste atual cenário há que se mencionar a possibilidade de se desenvolverem relações de maior autonomia e de maior reciprocidade entre homens e mulheres. Entretanto, entre os aspectos negativos há que se destacar, em muitos casos, a dificuldade em assumir compromissos mútuos, a ausência de diálogo e o uso da violência, como forma de exercer coerção sobre a outra pessoa. Na maior parte das vezes, as mulheres são as maiores vítimas de agressões, que podem se expressar de forma física, psicológica, sexual ou mesmo religiosa.

A incidência da violência doméstica é ainda altamente preocupante na nossa sociedade. As estatísticas e os registros disponíveis revelam que 70% das práticas de violência acontecem dentro de casa, sendo agressor o próprio marido ou companheiro. Mais de 40% destas ações violentas resultam em lesões corporais graves decorrentes de socos, tapas, chutes, queimaduras, espancamentos e até estrangulamentos. A cada quatro minutos, uma mulher sofre violência e, em média, ela denuncia o agressor só depois da décima agressão. Em 2006, deu-se um passo significativo em nosso país no enfrentamento à violência contra a mulher, com a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei nº. 11340, de 07/08/2006), que coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. A promulgação da nova lei é um forte incentivo a que as mulheres rompam o silêncio, que é o maior aliado da violência e da impunidade.

Como comunidade cristã nos deparamos, portanto, com este atual cenário das relações de gênero, que oferece novas e ricas possibilidades, mas que também nos alerta para os riscos, as omissões e

as evidentes distorções. No discipulado cristão, confessamos que somos filhas e filhos de Deus, criados à sua imagem e chamados, pelo batismo, a viver e testemunhar o seu amor nas nossas relações interpessoais e na vida em sociedade. O apóstolo Paulo nos lembra que “em Cristo” já não há “homem nem mulher” (Gálatas 3.28), obviamente uma referência não às diferenças biológicas, que continuam existindo, mas a qualquer diferenciação sócio-cultural discriminatória. Somos chamados a reconhecer e a render ações de graças a Deus quando constatamos que em nossa cultura há também sinais de que o amor está sendo promovido nas relações entre as pessoas e na sociedade. Mas, a observância do mandamento do amor (amor a Deus e ao próximo como a si) igualmente nos leva a confessar pecados e pedir perdão por relações injustas, discriminatórias e que cerceiam as potencialidades de homens e mulheres. A comunidade cristã, neste sentido, é um espaço privilegiado para auxiliar as pessoas a identificar e rever os valores que norteiam as relações de gênero, no dia-a-dia, com vistas a alcançar relações mais amorosas e de maior reciprocidade.

Como IECLB, participamos junto com as demais igrejas da ecumene, na *Década Ecumênica: As Igrejas em Solidariedade com as Mulheres – 1988-1998*. Em 2005, publicamos o documento produzido pela Federação Luterana Mundial, *As igrejas dizem NÃO à violência contra a Mulher*. Esse documento exorta a que se chame a violência pelo seu nome: pecado. O mesmo foi amplamente distribuído para ser lido, estudado e compartilhado em grupos comunitários. Esse compartilhar de estudos e experiências não parou, mas continua dando impulsos. E um deles é a presente cartilha, que sistematiza reflexões desenvolvidas em nossas comunidades. A sua publicação tem por objetivo alcançar um público ainda mais amplo da IECLB.

Agradecemos o esforço de diferentes grupos e pessoas, sobretudo o grupo assessor de Gênero e o Fórum da Mulher Luterana, que estiveram envolvidos no planejamento e na produção deste caderno. Queremos, desta forma, recomendar a sua divulgação e o seu uso nos grupos comunitários. *No poder do Espírito, proclamamos a reconciliação*. Esse é o Tema do Ano que acompanha a nossa reflexão em 2007 e vai nos acompanhar ainda em 2008. O ministério da reconciliação para o qual fomos chamados por Cristo abarca todas as dimensões da vida, também as relações familiares e as relações de gênero. Que Deus nos capacite cada vez mais a praticar o ministério da reconciliação em nossas famílias, em nossas comunidades e em nossa sociedade.

Motivação e engajamento

Ana Maria Brackmann

Coordenadora do Fórum da Mulher Luterana, Curitiba (PR)

As mulheres da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que representam o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, desejam desafiar as lideranças femininas a se engajar na organização de encontros sinodais, paroquiais, de comunidades, de grupos de OASE, de JE e diversos outros que estejam preocupados com o bem estar e a importância da qualidade de vida. Façam uso desta cartilha como um manual, mui querido, para acompanhá-las nas reuniões.

Não há necessidade de complicar. Reúnam-se para falar de seu cotidiano, suas decepções, angústias e ansiedades. Muitas vezes, a conversa não flui, mas se fizermos um trabalho manual, um artesanato, como por exemplo, o “fuxico”, a atenção se desviará das pessoas e estas se sentirão mais livres para falar de si.

Na edição número 15 da *Revista Novolhar* (Maio/Junho 2007), pergunta-se o que é qualidade de vida. Para que nós, mulheres, tenhamos qualidade de vida é essencial que sejamos respeitadas e que a violência seja eliminada – e não sufocada, abafada. Aceitemos o desafio do artigo: “É nosso desejo que a tênue luz que acendemos também ilumine algumas de suas dúvidas, animando-as a irem em busca do que é qualidade de vida para você”. Na mesma revista, no artigo: “*As barreiras individuais à promoção de saúde e qualidade de vida*” a psicóloga e vice-presidente de Expansão e Relações Internacionais da Associação Brasileira de Qualidade de Vida, Samia Aguiar Brandão Simurro, afirma que só é possível entender as barreiras para a promoção de saúde, dentro de uma perspectiva biopsicossocial, se considerado não apenas o indivíduo, mas todo o contexto em que ele está inserido. Deve-se levar em conta sua família, seu ambiente de trabalho e sua cultura.

No item 4 do Tema do Ano da IECLB, percebe-se claramente o significado de seguir a fé cristã e que esta quer quebrar barreiras de preconceito racial, social ou cultural. Lembramos que no preconceito cultural está a diminuição do valor da mulher e a prática de violência

contra a mesma, situações sufocadas em nosso meio, tão bem trabalhado no material da Federação Luterana Mundial: *“As igrejas dizem NÃO à Violência contra a Mulher”*.

A intenção do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, é servir, colocando-se à disposição das lideranças e deixando brotar o fruto da fé, o desprendimento, que nos anima a servir às outras pessoas, como também Deus nos serviu em Cristo. E este serviço não tem fronteiras, não encontra limites, é criativo, é amável, é algo que pode surpreender.

Deus, por meio das nossas fraquezas, limitações e omissões, quer, através de seu amor, transformar este mundo.

25 de novembro: Dia Internacional de Combate à Violência contra as Mulheres

Anete Roese

Pastora da IECLB, Belo Horizonte (MG)

A história do Dia 25 de novembro começa em 1981, no I Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado em Bogotá/Colômbia, quando foram feitas inúmeras denúncias sobre a violência suportada por mulheres, como assédio sexual, estupro, castigos, inclusive torturas e abuso de mulheres prisioneiras. Neste encontro, as mulheres decidiram definir o dia 25 de novembro como dia de homenagem às irmãs Mirabal (Patria, Minerva e Maria Teresa), ativistas políticas que foram assassinadas pela ditadura de Rafael Leonidas Trujillo, na República Dominicana, em 1960.

Mais tarde, em 1999, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu e firmou este dia como o *Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra a Mulher*. Seria um dia especial de luta pela conscientização social desta realidade, de mobilização e de denúncia intensa do desrespeito dos direitos e da dignidade das mulheres, de deflagração e visibilização da violência praticada contra mulheres mundo afora.

Não se trata somente de agressão física, mas aí estão incluídas as humilhações, agressões verbais, insultos e ironias, piadas que ofendem a dignidade das mulheres, espancamentos, violência conjugal, crimes de honra ou casamentos forçados. No âmbito social, as mulheres são transformadas em objetos e seus corpos são expostos e associados a bens de consumo, ao lado de produtos como bebidas e automóveis. As próprias mulheres participam passivamente dessa exposição, pois aprenderam a crer que seu único valor está em seus corpos.

Na Austrália, no Canadá, em Israel, na África do Sul e nos Estados Unidos, entre 40 a 70% das mulheres assassinadas são mortas pelo seu marido ou companheiro. Na França, segundo o governo francês, a cada três dias uma mulher é morta pelo seu companheiro. Na África, a violência contra as mulheres passa pelas mutilações genitais, sofridas

por 130 milhões de meninas no mundo, segundo a ONU. No Sudeste Asiático, crimes de honra e discriminações são o dia-a-dia de muitas mulheres. No Afeganistão, os suicídios de jovens adolescentes diante de casamentos forçados estão aumentando, segundo a ONG alemã *Medica Mondiale*. Os casamentos forçados representam entre 60 a 80% das uniões, segundo a comissão independente de defesa dos direitos humanos afegã. Quanto à prostituição, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), mais de 2 milhões de mulheres são vítimas de prostituição e tráfico sexual no mundo.

“No Brasil, a cada 15 segundos uma mulher é espancada. São 5 mil mulheres por dia. Muitas destas morrem. Treze por cento das mulheres brasileiras são abusadas e estupradas pelos próprios maridos. A casa já não é mais um lugar seguro e de proteção, o lar é hoje o principal palco de violência contra a mulher. As mulheres chegam a receber 30% menos que o homem, em um cargo onde ocupam a mesma posição, mesmo tendo formação superior a dele. Mulheres negras sofrem ainda maior discriminação do que as mulheres brancas. Recebem salários ainda menores que estas. São mais pobres, tem ainda menos acesso à educação.”¹

A ONU afirma que, no mundo todo, a violência doméstica é a principal causa de lesões em mulheres na idade entre 15 e 44 anos. A violência doméstica é uma questão de saúde pública. De cada 100 brasileiras assassinadas, 70 o são no âmbito doméstico.² A pesquisa *Primavera já Partiu*, realizada pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos, revela que 66,3% dos acusados de homicídios de mulheres são seus parceiros.

No Brasil, a violência contra a mulher já é considerada uma epidemia. Como tal, ela é um problema da sociedade toda e é, além de uma questão de saúde pública, um problema sócio-cultural e religioso. A cada ano, o governo gasta milhões no tratamento e na recuperação de mulheres que foram agredidas física e moralmente. Dados da ONU demonstram que a violência doméstica é a principal causa de lesões em

1 A MULHER BRASILEIRA nos espaços público e privado: como vivem e o que pensam as brasileiras no início do século XXI. Síntese dos resultados do censo IBGE 2000, versão revista e ampliada, 18 fev 2002. Disponível na Internet. <http://www.fpabramo.org.br>, 15 ago 2003.

2 Segundo investigação feita pela Human Rights Watch (“Injustiça Criminal x Violência contra a Mulher no Brasil”).

mulheres entre 15 e 44 anos no mundo, sendo que no Brasil uma a cada quatro mulheres já foi vítima de violência doméstica. A violência doméstica compromete 14,6% do Produto Interno Bruto (PIB) da América Latina e 10,5% do PIB do Brasil.³

Muitas mulheres procuram ajuda em aconselhamentos, para saber como poderiam aprender a ser mulheres mais perfeitas, melhores esposas, melhores mães e donas-de-casa. Com esse pedido de socorro, elas buscam encontrar saídas para entender e suportar melhor o homem que bate nelas. As mulheres continuam acreditando que elas apanham “porque não são boas o suficiente”. Assumem sozinhas os pecados da humanidade, conforme lhes foi ensinado através da culpa imposta à Eva. E acreditam que deveriam ser ainda mais submissas e obedientes.

As mulheres não percebem que este comportamento violento a que se submetem é uma espécie de doença. Uma espécie de “*patologia de gênero*”, que é uma patologia social, fruto da perversão a que chegou a estrutura relacional da sociedade moderna. Uma doença social que já trouxe todas as conseqüências possíveis para mulheres e para homens, e que resulta de um sistema que chegou ao seu limite e ao fracasso total. E que só será curado, que só se salvará, com reeducação, conversão de mentalidade e de postura de mulheres e homens, cuidado e acompanhamento de meninos, homens, meninas e mulheres, em geral heterossexuais, que sofrem deste desvio relacional e de comportamento resultante da educação e cultura de gênero.⁴

As igrejas precisam se posicionar, precisam decidir se querem realmente ver, ouvir e lançar mão das denúncias proféticas e de ações educativas para a salvação de meninas e mulheres vítimas de tantas formas de violência. Uma grande iniciativa é aderir, nas comunidades, ao Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher, e a partir daí pensar modos novos de agir e ser pessoa e comunidade cristã no mundo. O convite à reconciliação já foi feito por Jesus Cristo e Ele espera pela nossa ação.

3 De acordo com pesquisa realizada pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos (“Primavera já Partiu”).

4 Cf. Anete Roese. O sagrado e o processo de re-imaginação da corporeidade e das relações de gênero. In: *Rhema. Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio*. V. 11, n. 38, 2005, p. 65-93.

Amor além das barreiras

Marcia Blasi

Pastora da IECLB, Santo Ângelo (RS)

Palavras introdutórias

O encontro de hoje foi inspirado pela mulher que amou além das barreiras. Ao quebrar o vaso que ela trazia cheio de perfume e ao ungir Jesus, ela quebrou costumes e tradições que a excluía e a marginalizavam. Ao mesmo tempo, presenteou Jesus com paixão e compaixão. A proposta de hoje também inclui a quebra de um vaso ou pote de barro e a sua colagem. Não desanime pensando que é uma tarefa muito difícil e que as pessoas não vão se envolver. Muito pelo contrário. A experiência mostra que o impacto de ver o vaso quebrando é tão forte quanto a participação na sua reconstrução. Na hora de escolher o vaso, é importante observar que esse não seja muito fino, pois quando ele é quebrado, os pedaços ficam muito pequenos, dificultando a sua colagem.

Ambiente: É importante preparar o lugar do encontro com um altar no chão ou sobre uma pequena mesa com velas, flores, Bíblia, cruz, panos coloridos, dois vasos de barro e cola quente (ou qualquer cola de secagem rápida). Um vaso deve estar vazio e o outro com perfume (chá ou água com pétalas de flores).

Acolhida: Sejam bem-vindas e bem-vindos a este encontro!

Canto: Espírito de Deus, toma conta de mim, toma conta de mim!
Espírito de Deus, Espírito de Deus, toma conta de mim!"

(Míria Therezinha Kolling, Coleção Miriã 2, número 5)

(repetir várias vezes, pode-se cantar também “toma conta de ti” e “toma conta de nós”)

Oração: Deus de compaixão, tu nos convidas a tocarmos e curarmos. Move através de nós para que reconheçamos a força que existe em viver a vida com paixão e compaixão. Amém.

História da nossa vida: (enquanto fala segure o vaso vazio nos braços)

O profeta Isaías compara a vida do ser humano a um vaso (Is 64.7). Os seres humanos-vasos foram criados por Deus para serem bonitos e para servir conforme o dom que receberam. Infelizmente, isso foi literalmente imposto às mulheres: seja bonita e sirva, de preferência calada. E muitas mulheres-vasos vão ficando carregadas e sobrecarregadas, até que um dia elas se quebram ou ainda pior, são quebradas por quem se considera dono delas (neste momento, deixe o vaso cair). Quando isso acontece, voam pedaços para todo lado. E até parece que não há mais jeito, que a vida se foi.

Muitas vítimas de violência doméstica afastam-se da Igreja, pois não encontram ali o refúgio e o apoio de que precisam. São como vasos arranhados, machucados e quebrados. Procuram por alguém que as ajude a segurar todas as partes da sua vida. Procuram um Deus que as acolha, carregue e cure. Muitas vezes, recebem repreensões e críticas.

Mas não precisa ser assim. Este vaso, quebrado aqui no chão, não vale mais nada? Este vaso vai ficar aqui, pisado por nós ou até jogado fora? Ou vamos unir nossas mãos, nosso cuidado e vamos nos colocar a serviço de Deus, procurando os pedacinhos, tentando achar o seu lugar? Vamos abandonar o vaso ou vamos colá-lo novamente?

Qual é a nossa resposta? (incentivar as pessoas a colar o vaso)

Canto: Espírito de Deus, toma conta de mim, toma conta de mim!

Espírito de Deus, Espírito de Deus, toma conta de mim!"

(Míria Therezinha Kolling, Coleção Miriã 2, número 5)

(repetir várias vezes, pode-se cantar também “toma conta de ti” e “toma conta de nós”)

História da vida de Jesus: (Ler Marcos 14.3-9)

Jesus está sentado à mesa com homens, quando chega uma pessoa que não foi convidada nem tinha a permissão de estar ali. Uma mulher aparece rompendo as barreiras da mesa; mesa certamente rodeada por homens. Ela, de todas as pessoas ali presentes, parece ser a única a sentir o que Jesus precisa. Ao tocar Jesus, ela revela que sabe da dor que ele sente e mostra seu desejo de curar essa dor. A mulher oferece um ato profético de graça e beleza. Ela não só traz um bálsamo, como ela mesma se torna um bálsamo para as feridas de Jesus.

Jesus reconhece a grandeza do presente que a mulher lhe oferece e o recebe com graça, alegrando-se que pelo menos uma pessoa, entre todas as presentes, teve a sensibilidade de tocá-lo. Ao receber o presente que ela lhe oferece, ele deixa claro o seu carinho por aquelas pessoas

que tem a coragem de tocar, amar e curar, para além das barreiras que outras pessoas impõem.

A gratidão de Jesus é tão grande que ele promete que “em todo o lugar em que o evangelho for proclamado, o que esta mulher fez será lembrado em memória dela.” Mesmo assim, nós muitas vezes esquecemos da vida daquela mulher e de seu ato de compaixão para com Jesus.

A mulher quebrou o vaso e com o perfume ungiu Jesus. Ela também era como aquele vaso. Ela trouxe diante de Jesus tudo o que era e tudo o que tinha. Ela sentia o que Jesus estava sentindo, pois muito provavelmente ela também teve experiências de morte em sua vida. Ela, com o perfume, ofereceu-se a si mesma; ofereceu seu carinho e afeto. Ela sabia que o ato de quebrar o silêncio tem suas conseqüências, mas mesmo assim ela teve coragem de dizer a Jesus que ele não estava sozinho. Essa mulher, que um dia talvez esteve em pedaços e se sentiu restaurada por Jesus, agora oferece a ele o mesmo carinho e compaixão.

Misturando nossas histórias...

A história bíblica e a nossa história se misturam. Quantas mulheres, ainda hoje, “não tem lugar à mesa”? Elas são excluídas das decisões sobre a sua vida, sua sexualidade; são excluídas das questões financeiras e familiares e, muitas vezes, são excluídas de ter sua própria espiritualidade. São mulheres-vaso quebradas, esfaçalhadas pelo chão. Elas precisam de alguém que as ajude a juntar os pedaços. Alguém que ouça a estória de cada pedacinho e que possibilite que elas, no seu tempo, juntem todos os pedaços e se tornem plenas e belas novamente, mas nunca igual como antes. Este vaso-mulher que surge é o resultado de muita dor, muita coragem, muita criatividade, muita fé. Uma fé saudavelmente teimosa que as faz caminhar na busca de Deus que é amor. E amor não machuca, não humilha, não quebra ninguém. Mas amor une, cola e dá coragem para viver.

Em determinadas ocasiões, são usados textos de cartas paulinas para negar a igualdade das mulheres e até mesmo para excluí-las da comunhão plena. Nossa tarefa é fazer uma re-leitura destes textos, e enfatizar Gálatas 3.28, por exemplo. É preciso que tenhamos clareza de que a base da fé luterana está no Evangelho de Jesus Cristo. Ele é a nossa porta de entrada.

Todas nós somos como vasos. Fomos sabia e belamente moldadas e através do Batismo somos chamadas ao serviço. Isto não quer dizer que somos chamadas para a servidão. A Boa Nova de Jesus Cristo nos

compromete a testemunhar com coragem e ousadia a igualdade de direitos de todas as pessoas. Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos. Deus nos chama, como comunidade e como pessoa, a nos comprometermos para o fim da violência contra a mulher. O que podemos fazer:

- Ser um espaço seguro para mulheres que precisam desabafar e encontrar apoio;
- Orar pelas vítimas da violência doméstica em culto;
- Ter como ponto de partida para nossas reflexões o Evangelho de Jesus Cristo, que, em resumo quer vida digna para todas as pessoas;
- Incluir nas liturgias, celebrações e encontros a experiência das mulheres.

Canto e unção: enquanto repetimos a canção “**Espírito de Deus toma conta de mim**” diversas vezes, as pessoas que estão liderando a reflexão ungem a cabeça dos e das participantes com o perfume da jarra.

Oração: Deus de amor. Tu nos amas com paixão e compaixão e nos convidas a amar para além das barreiras de costumes e tradições que não promovem vida digna para todos os teus filhos e tuas filhas. Nós oramos por todas as mulheres que sobreviveram à crueldade da violência doméstica e por todas aquelas que ainda vivem sua dor em silêncio. Oramos por todas aquelas que lutam pelo fim da violência e por todas aquelas que nem percebem a violência. Oramos por todos os homens que lutam contra o machismo e a discriminação e por todos aqueles que nem conseguem perceber que há violência. Oramos por todas as crianças que sofrem com a violência em seus lares e por todas aquelas que crescem achando que violência é normal. Ó Deus, como é bom sabermos que tu não nos abandonas e que sempre estás ao nosso lado, por isso oramos em conjunto **Pai Nosso que estás no céu...**

Bênção: Deus te abençoe.

Deus te proteja.

Deus te dê a paz, Deus te dê a paz.

Uma realidade a ser transformada

Anelise L. Abentroth e Vilmar Abentroth

Pastora e pastor da IECLB, Horizontina (RS)

Ambiente: Acolher as pessoas com música ambiente. As cadeiras podem estar em círculo. No centro, colocar vários panos coloridos que formam pequenos “altares”. Sobre estes, colocar: cédulas de dinheiro, produtos de beleza, instrumentos de trabalho (avental, enxada, carteira profissional), baralho, bebidas e cigarro, espelho e adornos (enfeites), literatura religiosa da prosperidade... Sob uma mesa (coberta até o chão), esconder: Vela, Bíblia, Cruz, Água, Terra e Flores.

Acolhida:

Leitora 1: Saúdo a todas com carinho, com a palavra bíblica de Romanos 12.2: “Não vivam como as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança das suas mentes. Assim vocês conhecerão a vontade de Deus, que é boa, perfeita e agradável a Ele.”

Leitora 2: Neste encontro, vamos refletir sobre a violência que experimentamos todos os dias, causada pelo nosso modelo econômico. Nossa sociedade tem criado outros deuses para serem adorados e obedecidos. O reformador Martin Luther disse: “Ali onde colocares o teu coração, este é o teu deus”. Porém, estes deuses não podem nos ajudar. Eles causam exploração e muito sofrimento. Queremos perceber como estamos nos deixando dominar, para podermos reagir e propor mudanças.

Dinâmica inicial: Convidamos para que vocês circulem entre os altares colocados e percebam que sentimentos, pensamentos e sensações eles causam.

(Dar um tempo. A música de fundo pode ser eletrônica, rock ou funk)

Compartilhar:

- O que chamou mais a atenção?
- O que chocou?

- Com o que me identifiquei?
- Passei depressa por algo?
- Fiquei mais tempo olhando para algum objeto?

Leitora 1: Por que estes elementos foram colocados em altares? São objetos bem conhecidos. Certamente estão presentes em nosso cotidiano. Estamos vivendo numa sociedade que se transformou muito rapidamente, nos últimos tempos. Em nosso País, as mudanças aconteceram em menos de meio século. De uma sociedade rural, onde a terra, a produção e a colheita era o que determinava a vida das famílias (de proprietários, meeiros, arrendatários, empregados, empregadas, bóias-frias), mais de 80% da população foi atraída para as grandes e médias cidades.

Leitora 2: A industrialização mudou o cenário. Homens e mulheres passam a trabalhar nas fábricas, no comércio, em serviços gerais. O modelo familiar baseado na figura do pai como provedor e ator social e da mãe como cuidadora da casa, dos filhos, da horta, dos familiares idosos e doentes, se modifica. Agora, é o Estado que precisa cuidar das crianças, em creches, escolas, conselhos tutelares... O mercado de trabalho, o sistema econômico exige que homens e mulheres estejam “liberados” para se dedicarem de corpo e alma para o trabalho, para a produção. O período da gravidez e da amamentação é um grande problema para as mulheres. Muitas não conseguem trabalho por estarem em idade fértil.

Leitora 1: Quem de vocês lembra ou participou de algum movimento grevista feito por trabalhadores no País? Por que as greves e manifestações diminuíram? Podemos apontar vários fatores, mas um deles é que, hoje, a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras de grandes empreendimentos não sabe mais quem é o patrão. Ele não tem nome. São vários e moram em vários países. Quando a empresa é pequena e tem patrão, via de regra, ela está com tantas dificuldades que exigir mais, pode significar o seu fechamento. Este é o processo chamado de globalização: são as corporações transnacionais e seus interesses privados que estão tirando a força e o papel dos governos e das instituições nacionais. Cada vez mais, nosso País está transferindo os recursos naturais, financeiros e de conhecimento para estes grandes grupos econômicos que dominam o mercado mundialmente.

Leitora 2: E lá na outra ponta, quem mais sofre as conseqüências

são as mulheres, as crianças, os idosos. Cada vez se exige mais qualificação para o mercado de trabalho: estudo, recursos e tempo para se preparar, competitividade. E eu pergunto: porventura, as mulheres têm recebido incentivo, apoio de suas famílias para estudar e se qualificar? Como estão divididos os afazeres domésticos, para que dê tempo para tudo? Quem ainda é responsável pelo cuidado, educação, alimentação de filhos, filhas, pai, mãe, sogro e sogra idosos?

(Tempo para conversar)

Leitora 1: Como constatamos, a realidade das mulheres pouco mudou. A sobrecarga, em muitas casas, dobrou ou triplicou. É por isto que elas ainda são maioria em setores ligados ao universo feminino, tais como educação, alimentação, serviços gerais ou linhas de montagem. Ainda há disparidade nos salários recebidos por mulheres e homens que fazem o mesmo trabalho. As estatísticas mostram que famílias lideradas por mulheres crescem ano a ano, mas a sua renda diminui. A mão de obra feminina continua sendo explorada.

Leitora 2: No Livro do Êxodo, no capítulo 32, encontramos a história do bezerro de ouro. O povo de Israel, que fora escravo no Egito, foi libertado por Deus e peregrinou até uma nova terra. Ali poderiam viver e se organizar de forma diferente para nunca mais sofrerem maus tratos e a exploração do seu trabalho, em regime de escravidão. Conta o texto que muito rapidamente o povo foi se esquecendo de Deus. Deixaram de guardar o sábado, preferiram trabalhar mais, para ganhar mais. Pediram a Arão que fizesse para eles um deus fundido de ouro, na forma de um bezerro. Um deus copiado dos outros povos. Porém, este deus tem as suas exigências e estabelece sacrifícios.

Leitora 1: Olhemos novamente para os altares aqui colocados. A que deus nós estamos adorando? Desde pequenas somos levadas a acreditar que o que importa na vida é ganhar dinheiro. O dinheiro, com o seu poder, tem se tornado o valor máximo na vida das pessoas. Por dinheiro, as pessoas vendem o seu corpo, a sua dignidade, a verdade, a honra e se tornam corruptas ou são corrompidas. O sistema econômico baseado no LUCRO – na apropriação de uns poucos do trabalho e das riquezas geradas por muitos – criou uma sociedade desigual, baseada em classes sociais.

Leitora 2: Em nosso País, há um pequeno número de pessoas, famílias, que possuem os meios de produção em suas mãos. É a chama-

da classe alta. São os grandes proprietários de terra, que exportam a produção e os donos ou acionistas dos grandes grupos econômicos (indústrias e comércio). Logo em seguida, vem boa parte de pessoas, famílias, que trabalham para esta classe A. É a chamada classe média. Ela é composta por profissionais liberais, pessoas que estudaram e têm empregos bem remunerados. Também são os médios comerciantes, empresários e proprietários de terra. São estes que hoje pagam cerca de 40% de impostos para manter a máquina do Estado funcionando. Mas a grande maioria da população brasileira é pobre. São empregados e empregadas, assalariados ou em atividades informais. Vivem de “bicos”, trabalho esporádico. Vendem sua força de trabalho. As mulheres são as mais visadas para revenderem produtos de beleza, utensílios domésticos, roupas, recebendo apenas uma porcentagem do produto vendido. Médias e grandes empresas terceirizam o trabalho feminino. Permitem que as mulheres trabalhem em suas casas (tecelagem, confecção de roupas e calçados) e pagam por peça produzida, sem nenhum direito trabalhista ou assistência previdenciária. Isto tudo faz com que a renda das famílias lideradas por mulheres seja menor e mais vulnerável. Sem deixar de lembrar que as mulheres já estão morrendo mais cedo.

Leitora 1: Podemos refletir: Por que as mulheres e os homens se submetem a este sistema social? Quem dá a ordem para que todos sigam este modelo? Não há outra forma da sociedade se organizar? O que diz a nossa fé no Deus da vida, no Deus libertador? A que deus estamos servindo?

Leitora 2: A pergunta que nos fazemos é: dá para mudar tudo isto? O que é preciso fazer?

Compartilho uma pequena história: certa vez uma pessoa foi a um circo que se instalou na cidade. Já na entrada, ela avistou um enorme elefante com uma corda no pescoço, amarrada a uma pequena estaca de madeira. Ela pensou: “Por que este animal, com a força que tem, não se livra desta corda?” Conversando com o tratador do elefante, ela descobriu que este animal cresceu com a corda no pescoço. Ele não sabe da força que tem. Se soubesse, não ficaria naquele espaço restrito e vivendo de forma sempre igual, infeliz. Essa história pode ser a história de muitas mulheres. Desde pequenas acostumadas a viverem amarradas às cordas e estacas que as mantêm sempre na mesma situação. As cordas não são rompidas, porque elas não sabem da força e do potencial que têm.

Leitora 1: No Novo Testamento, há muitos textos que relatam mulheres que viviam aprisionadas pela sua condição social e econômica: viúvas, doentes, prostitutas, filhas dependentes do pai ou de maridos, mães desamparadas. A todas elas, Jesus se faz solidário e se coloca ao lado. As atitudes de Jesus em relação a essas mulheres mostram que todas as pessoas são iguais em valor e dignidade diante de Deus. O pecado está naquilo que a sociedade faz com as pessoas, quando valoriza uns, exclui e explora a maioria, especialmente as mulheres.

Leitora 2: Nosso Deus é o Deus da vida, da liberdade, da justiça e do amor. Vamos trazer ao altar os elementos que identificam esse nosso Deus. Sobre a mesa colocaremos a Bíblia, a Cruz, a Vela, a Terra, a Água, as Flores. Convido para ouvirmos a leitura de um Salmo.

Leitora 1: Salmo 121: Olho para os montes e pergunto...

Nosso socorro, nossa força, nossa vida não vêm dos deuses colocados sobre estes altares, que têm no lucro e na exploração a sua forma de dominar. Nossa força vem de Deus, a quem pertence tudo, o céu a terra e tudo o que existe. Esse Deus age diferente. Esse Deus quer uma prática e uma organização social baseada na solidariedade, na justiça, na partilha, no serviço de amor.

Leitora 2: O Deus da vida enviou ao mundo o seu único Filho para mostrar que as forças do pecado e do mal que hoje nos dominam e governam não são maiores do que o seu poder de vida e de ressurreição. E Jesus, ao se despedir disse: “Eis que estou com vocês todos os dias até a consumação dos séculos” (Mateus 28.20). É o Santo Espírito que recebemos no Batismo que nos faz sentir e perceber que a violência que sofremos hoje não tem a última palavra sobre nós. Ela pode e deve ser vencida. Este espaço de comunhão que aqui temos, quer nos motivar a encaminhar propostas para que mudanças aconteçam. O que podemos propor?

Oração final e Pai Nosso, de mãos dadas ao redor da mesa do altar.

Benção: Sê forte e corajosa, não temas e nem te espantes,
Porque o Teu Deus é contigo, por onde quer que fores
E por onde quer que andares.
Em alegria e dor,
Hoje, amanhã e para todo o sempre.
Assim te abençoe o Pai e Mãe amorosa, o Filho e o Espírito Santo.
Amém

Liturgia de acolhimento e auxílio

Karen Bergesch

Pastora da IECLB, Três de Maio (RS)

Ambiente: Arrumar o ambiente em círculo – se houver um grande número de pessoas, formar semicírculos –. Substituir as velas envelhecidas por velas bonitas, colocar um arranjo de flores naturais. – O altar pode ser colocado no centro do círculo ou como uma de suas partes. – Entregar uma fita ou cordão vermelho, para cada participante, na entrada do ambiente de celebração, medindo entre 20cm e 30cm.

Prelúdio

Saudação e acolhida

Chegamos aqui como filhas de Deus, criadas à sua imagem e semelhança., conforme nos relata Gn 1.27. Cada uma de nós traz consigo as marcas de alegrias e de dificuldades de sua história. Deus acolhe a cada uma aqui presente. Através da comunhão em grupo, queremos compartilhar o amor e o carinho do Trino Deus, refletindo sobre o tema da violência doméstica e, assim, demonstrar nossa solidariedade para com as mulheres que sofrem. Amém.

Canto (O povo canta) Elas estão chegando 136 – sugestão

Kyrie

Ao orarmos, expressamos nosso desejo de transformar situações que causam dor e sofrimento e nos comprometemos com essa transformação. Coloquemo-nos diante de Deus orando em favor de quem grita por misericórdia.

Pelas mulheres que sofrem violência física, psicológica ou sexual. Por isso nós pedimos:

C: Tem, Senhor, piedade!

Pelas mulheres que sofrem discriminação por seu sexo, sua raça ou sua classe econômica. Por isso nós pedimos:

C: Tem, Senhor, piedade!

Pelas mulheres que lutam por uma vida digna. Por isso nós pedimos:

C: Tem, Senhor, piedade!

Pelas mulheres que desejam romper o ciclo da violência doméstica. Por isso nós pedimos:

C: Tem, Senhor, piedade!

Pelas mulheres que, juntamente com seus filhos e suas filhas, sofrem com a violência.

C: Tem, Senhor, piedade!

Por tua graça, sensibiliza-nos para a solidariedade, Senhor.

C: Amém.

Glória

O Antigo Testamento nos relata que a profetisa Miriã tomou um pandeiro e todas as mulheres a acompanharam, tocando e dançando, louvando ao Deus capacitador e libertador. Juntemo-nos a elas e glorifiquemos a Deus, pois ele vem, nos orienta com sua Palavra e nos fortalece.

C: Glória a Deus nas alturas (Mirian 16)

Oração do dia

Deus de Jesus Cristo, capacitador e libertador, que nos chama para vivermos uma vida de dignidade e de respeito mútuo. Graças te damos por este encontro em comunidade. Estamos aqui, como corpo de Cristo, para solidarizarmo-nos com pessoas que sofrem violência doméstica. Dá que o ciclo da violência seja rompido para que possamos todos – homens, mulheres e crianças – viver o teu amor e a tua paz. Amém.

Leituras bíblicas

Vamos nos preparar para as leituras bíblicas de hoje cantando “A tua palavra é semente”.

Primeira leitura: **Êxodo 1.15-21**

Vamos acolher a palavra do Evangelho nos colocando de pé e cantando Aleluia

(O texto das parteiras Sifrá e Puá foi escolhido para demonstrar a capacidade de decidir, de agir e de lutar pela vida em situações adversas. No enfrentamento ao rei, ambas permanecem unidas, demonstrando amizade e solidariedade entre si e para com seu povo.)

Evangelho: **Marcos 5. 25-34**

Mensagem

O texto da mulher hemorrágica foi escolhido para esse encontro, porque ele permite refletir sobre o tema da violência doméstica a partir de vários aspectos.

1. A mulher está em sofrimento físico, psicológico e de discriminação há vários anos. Deseja curar-se, mas não consegue. Essa situação permite a comparação com o desejo de muitas mulheres de colocar fim à violência, rompendo o ciclo da violência doméstica (tensão – explosão – lua de mel), mas sem auxílio não conseguem. Por vezes, desviam o foco do problema, colocando a responsabilidade da agressão no álcool, nas drogas ou, ainda, no stress do trabalho (ou algum outro problema).

2. A situação de violência doméstica é cercada por tabus e por preconceitos. Assim, como era a questão do sangue no povo de Israel (a mulher que sangrava era considerada impura e não podia tocar em nada nem ser tocada. Portanto, era discriminada socialmente). Os ditados populares, hoje, divulgam uma idéia de que a mulher gosta de “apanhar” ou de que esse é um assunto de esfera privada e, por isso, não se deve interferir. Em contrapartida, a ética do Evangelho prega paz, amor ao próximo, respeito e dignidade. Portanto, não é possível ignorar a realidade de violência nas casas que atinge mulheres, crianças e idosos.

3. Ao curar, Jesus demonstra solidariedade, quebrando com os preconceitos culturais e religiosos de sua época. A cura ocorre em local público, fato que rompe a separação entre a esfera pública e privada. Esse fato é importante, pois desafia à reflexão para o comportamento guiado pela ética do Evangelho em ambas esferas. A solidariedade somente é possível a partir da informação.

4. Por fim, é necessário ressaltar que a mulher hemorrágica desejava curar-se e busca cura. É uma atitude que parte dela. Portanto, ela não foi forçada por terceiros a buscar cura. Da mesma forma, é necessário respeitar o tempo de cada mulher para romper o ciclo da violência, pois, se assim não o for, estaremos gerando mais violência e não promovendo cura e solidariedade. Fundamental nesse processo é saber da rede de apoio existente em cada cidade (delegacia da mulher, centros de apoio/informação e casa de abrigo) a fim de que um trabalho em rede possa salvar a vida de mulheres e crianças. A oportunidade de “cura” deve ser oferecida para **homens** e **mulheres**. Todos necessitam de auxílio para que o ciclo da violência doméstica seja rompido.

Confissão de fé

Como expressão da nossa vontade de, a cada dia, vivermos segundo o Evangelho, convido todos e todas a confessarmos a nossa fé com as palavras do Credo da Mulher.

Creio em Deus, Criador do universo, que criou mulher e homem à sua imagem, entregou aos dois o cuidado do mundo e viu que isto era muito bom.

Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido de Maria de Nazaré, que escutava e valorizava as mulheres e as protegia contra os seus acusadores; que tinha mulheres discípulas, que o seguiam e serviam, que apareceu primeiro a Maria Madalena e às mulheres e as enviou para levar a mensagem da Ressurreição aos discípulos de Jesus.

Creio no Espírito Santo, que foi derramado sobre homens e mulheres no dia de Pentecostes. Creio no Espírito Santo, que anima a comunidade da Igreja cristã em direção à igualdade, pois todos, homens e mulheres, são um em Cristo Jesus. (Hulda Hertel).

Canto (O povo canta) Elas 128 – sugestão

Oração de intercessão

Como comunidade reunida, somos chamados a servir ao próximo pela oração. Por isso, coloquemos nossa gratidão e nossas súplicas diante de Deus. Oremos...

Deus do amor, graças te damos pela solidariedade e por nos capacitar para enfrentarmos situações difíceis. Pedimos por coragem para superarmos preconceitos e a violência contra a mulher.

C: Ouve nossa oração e atende nossa súplica.

Deus do amor, pedimos que a Igreja seja sempre um lugar seguro para todas as pessoas; que a Igreja seja um lugar de paz e um lugar para divulgar a paz a partir do respeito pela igualdade.

C: Ouve nossa oração e atende nossa súplica.

Deus do amor, oramos pelas pessoas enfermas (...); pelas pessoas fragilizadas (...); pelas pessoas que se encontram em solidão (...).

C: Ouve nossa oração e atende nossa súplica.

Como sinal de nossa solidariedade e na busca pelo fim da violência doméstica, amarremos o cordão/fita vermelha em nossos pulsos. Deus da paz, tudo o mais que está em nossos corações e pensamentos queremos pedir a ti através da oração que teu Filho nos ensinou.

Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Bênção

Vão, em nome do Deus vivo, compassivo, que nos presenteia seu Espírito.

Vão, para se oporem a tudo que escraviza a vida de crianças, jovens, mulheres e homens.

Vão, para alegrarem-se por termos uns aos outros, umas às outras.

Vão, para festejar a nova vida que emana do Espírito de Deus.

Deus abençoe vocês!

C: Amém.

Canto

Paz, é possível!?

Ani Cheila Kummer

*Presidente da Associação Nacional de grupos da OASE – Ordem Auxiliadora
das Senhoras Evangélicas, IECLB, Dom Pedrito (RS)*

P. Varno Senger

Pastor da IECLB, Dom Pedrito (RS)

Ambiente (o ambiente pode ser preparado de acordo com o interesse do grupo): Colocar uma mesa central com Bíblia, cruz, vela e flores, lenços de mão (*estes podem ser na quantidade do número de participantes*) e outros elementos que possam simbolizar gestos e atitudes de pessoas para superação da violência.

Canto: HPD II – 337 – Reunidos aqui.

Acolhida (dirigente acolhe os presentes): Que bom que podemos estar aqui. Fomos chamados e aceitamos o convite de Deus. Jesus nos chama para vivermos seu amor em gesto e atitude de paz. Queremos construir relações de vida que estejam alicerçadas no Evangelho. Sejam bem-vindos. Iniciamos na presença e sob a orientação do trino Deus.

Canto: Em nome do Pai (Ernani Luis)

Em nome do Pai, em nome do Filho,
Em nome do Espírito Santo
Aqui nos reunimos.
Para louvar e adorar
Pra bendizer seu santo nome
Pra agradecer e orar
Estamos aqui.

Oração de chegada (oração pode ser dirigida por alguém do grupo): Querido Deus, queremos te agradecer por podermos estar aqui e pela comunhão em torno de Tua Palavra. Cuide de nós e derrame sobre nós o Teu poder, para que o nosso encontro nos fortaleça na fé e nos ajude a edificar a paz. Por Jesus Cristo nosso Senhor. Amém

Introdução ao tema

Dirigente: Somos convidados a refletir sobre o tema: “violência contra a pessoa”, suas causas e conseqüências. Como podemos contribuir para a construção de relações de convivência, que evocam o amor e a paz?

A violência é uma ação, ou reação contra alguém, que tem como conseqüência a ruptura e a dor. Não tem limites, expressa abuso e dominação. Pode ser pessoal ou coletiva. Pode começar dentro de casa, nas relações entre marido e mulher, entre pais e filhos, bem como, pode se estender para os locais de trabalho, pelas ruas, dividir povos e nações, provocando guerras cruéis. No âmbito pessoal, geralmente, a violência é a física e sexual. Mas a violência emocional e psicológica também é causadora de seqüelas, que são difíceis de serem superadas.

Neste sentido, urge resgatar, dentro da diversidade que sustenta uma convivência de paz, valores como tolerância, equilíbrio, paciência, respeito. Não é possível viver em paz sem a comunicação do conteúdo desses valores entre as pessoas. Assim, a paz é construída a partir de um exercício de comunicação, que represente os desejos das pessoas, onde um não se sobrepõe ao outro, mas estabelece uma relação de respeito e igualdade. A paz é resultado de uma fala de consenso que, discutida, conversada e aceita, é vivenciada pelas pessoas. Se houver ruptura na construção deste caminho, onde alguém domina outro alguém, oprimindo, intelectual, psicológica, moral ou fisicamente, estará constatada a violência.

E vem a pergunta: Numa sociedade violenta; como exercitar uma cultura de paz? Esta resposta, queremos construir juntos.

Canto: HPD II – 381 – Pela Palavra de Deus.

Texto bíblico: Jó 15.12-17

Leitor: Irmãos e irmãs, Jesus Cristo assumiu na cruz toda nossa violência. Sofreu dor e derramou seu sangue para nos salvar. E para nos mostrar o caminho da paz, deixou o ensinamento do Seu Evangelho, que agora queremos ouvir. Do Evangelho de Jesus Cristo, conforme Jó 15.12-17

Canto: HPD II – 438 – Quando se abate a esperança.

Reflexão

Fato da vida: Joana, mulher, esposa, mãe, dona de casa,pessoa

Joana, mulher, dona de casa, casou-se, ainda muito jovem, com Walter e era mãe de três filhos. No início do casamento, muitas novida-

des, sonhos e alegrias. Com o passar do tempo, vieram os filhos e outras tantas preocupações, que até então eram deixadas de lado ou não valorizadas. Joana, sempre dedicada às tarefas da casa, da pequena horta e ao cuidado com o marido e com os filhos. Seu esforço e dedicação não eram notados pelo marido e pelos filhos. Walter exigia muito de Joana, era arrogante e grosseiro, e a esposa deveria sempre estar a seu serviço. Joana procurava responder aos pedidos do marido, pois aprendera de casa que a esposa deve servir bem o marido e que dela depende a boa convivência no lar. Tal esforço não a deixava feliz e realizada.

Joana participava com suas amigas das reuniões da OASE. Nos encontros, acumulava conteúdo e aprendia coisas novas. Tinha o desejo de colocar em prática o que aprendia, começando em sua própria casa. Tinha necessidade de quebrar alguns paradigmas, como valorizar-se a si mesma, se fazer respeitar no trabalho. Mas Joana sempre ficava com medo da reação do seu marido. Um dia, ela sentiu coragem para tomar algumas decisões, que iriam interferir nas relações de convivência com o marido e com as crianças.

Para começar, Joana colocou os chinelos do marido na porta e disse a Walter: “de agora em diante, debes tirar tuas botas sujas e colocar os chinelos antes de entrar na casa”. Pedido também foi feito às crianças. Joana também pediu ao marido, que não deitasse mais a em cima da cama com a roupa do trabalho, quando ia descansar após o almoço. O conflito estava armado.

Walter, sempre autoritário e poderoso, não se importou muito com as novas normas de convivência colocadas por Joana e, após alguns dias, já as havia esquecido. Tal postura gerou conflito e discussões. Quando Joana ponderava sobre o assunto, Walter reagia, dizendo: “esta é a tua obrigação como dona-de-casa e como esposa, limpar a casa e servir-me quando eu solicitar”. Triste e desencantada, Joana continuava a sua tarefa. Somava-se a isto os seus problemas de saúde, especialmente os relacionados com os medicamentos contraceptivos. Quando falava com o marido, partilhando suas dificuldades, Walter dizia, que o cuidado para não ter filhos é responsabilidade da mulher – e assunto encerrado.

Joana, com o passar do tempo, foi se libertando e estabelecendo limites em torno de si. Descobriu que era gente, pessoa, com necessidades e desejos e que merecia respeito e consideração, começando pelos mais próximos. Não aceitou mais ser a mulher que limpava e fazia tudo, resolveu enfrentar os conflitos. Esta nova postura, exigiu mudanças de

hábitos e interferiu nas relações entre as pessoas que com ela conviviam, especialmente, na relação com o marido e com os filhos.

Realmente, as conseqüências foram enormes e ela não conseguiu alcançar seu intento, acabou esmorecendo e sucumbindo. Foi humilhada pelo marido, que debochava de sua audácia e, muitas vezes, a agredia. Foi obrigada a abandonar as reuniões da OASE, pois foi a partir daí que, segundo, Walter, começaram surgir os problemas. Joana, perdeu sua fé, sua auto-estima, suas amigas, ficou doente, entrou em depressão e, triste, chorava enquanto realizava suas tarefas no lar.

Comentário

Dirigente (dirigente pode ou não ler o comentário, pode deixar o grupo produzir): Existe um ditado popular que diz: "Galho velho não se dobra". Isto aconteceu com Walter. Fechado em si mesmo, não se preocupou em se desenvolver, crescer em conteúdo e em valor de vida, apenas guardava consigo seus medos e ensinamentos adquiridos na infância. Com ele, não havia possibilidade para o diálogo e para partilha. O seu mundo era de domínio e de poder. Seu egoísmo, sua falta de tolerância e respeito, o tornava arrogante e violento. E era com este que Joana estava convivendo. Joana, aberta para o mundo, para as possibilidades, para a construção de uma relação de igualdade e de paz. Ajudada pelas amigas e pelos conteúdos assimilados nos encontros da OASE, abre seus horizontes e descobre-se como pessoa. Sente-se valorizada como mulher, criatura amada por Deus. Esta descoberta mexe com Joana e exige dela uma nova postura de vida. Mas, na prática, ela não consegue viver esta descoberta. Não consegue viver seus desejos e sonhos pela ação poderosa e violenta do marido e acaba sucumbindo.

Na convivência, o ser humano interfere na vida, sobretudo no modo de ser e de agir do outro. Tem imensa capacidade de amar e partilhar este amor, tendo como base a liberdade do outro aceitar ou não. Por outro lado, também tem enorme capacidade de impor domínio a quem é, e a quem pensa diferente. Este domínio, geralmente, é uma ação violenta. Por isso, a sociedade é violenta. As relações de convivência entre as pessoas são norteadas pelo poder e pelo domínio, e não pela partilha e pelo gesto de amor, que desemboca numa cultura de paz, de igualdade, justiça e vida plena. A vida que Jesus Cristo veio nos trazer e ensinar é a que cria espaços para uma cultura de paz na vida das pessoas, nas famílias, nos grupos, nas comunidades, na sociedade.

Neste sentido, podemos afirmar, que os seres humanos não são

máquinas de fios soltos ou válvulas queimadas, que um cirurgião ideal pode tocar e consertar, ajustar, retirar ou reconectar. Somos organismos interativos, que reagem àquilo que acontece ao nosso redor ou dentro de nós. Somos resultado das relações interpessoais que vão se estabelecendo na vida. Por isso, toda relação com outra pessoa, estabelece uma ação de causa e efeito entre as partes, que pode ser para o bem, para a felicidade, ou para a desgraça, violência e dor. A vida que Jesus Cristo veio nos trazer e ensinar é a que cria espaços para uma cultura de paz na vida das pessoas, nas famílias, nos grupos, nas comunidades, na sociedade.

O cristão tem como responsabilidade, ajudar a diminuir e sanar sofrimentos e dores causados por atitudes más e violentas entre as pessoas. É necessário, peregrinar no caminho que denuncia atos violentos e injustiças causadoras de dor e sofrimento. A bandeira deve ser o amor incondicional, *O Amor de Cristo*, que representa um caminho de vida, onde existe inclusão, carinho, perdão, bondade, paz, oração, fé e direitos iguais, para homens, mulheres, povos e culturas.

Cabe a Igreja a tarefa de levar a Misericórdia de Deus, o Seu amor a todas as pessoas violentadas e causadoras de violência, pois todos são resultado de um sistema social que fracassou. Por isso, só com atitudes baseadas no amor, estas pessoas podem ser ajudadas nas suas feridas, sofrimentos e lacunas de vida digna. Não há outro jeito, como também, não há modelo pronto. A construção da paz se dá no dia-a-dia das pessoas, na partilha da experiência e na obstrução de qualquer tipo de manifestação violenta.

Perguntas motivadoras (podem ser respondidas em grupos):

1. O que aconteceu com Joana? Ela sofreu violência?
2. Porque Joana não teve êxito na sua proposta de mudança de vida? O que faltou?
3. O que fazer quando nos deparamos com situações como a de Joana?
4. Qual o comprometimento das amigas e do grupo, (OASE, Comunidade), com Joana?
5. Situações como a de Joana, muitas vezes, estão presentes nas relações entre patrões e empregados, entre colegas de trabalho, vizinhos. Você vive, ou conhece algum caso que gostaria de partilhar?
6. O que Jesus tem a nos ensinar, quando lemos o texto Jó 8.1-11? O que podemos aprender? Estamos agindo conforme a vontade de Jesus.? Somos seus instrumentos na valorização do ser humano e na edificação da paz?

7. Como contribuir para uma cultura de paz?

Canto: HPD II – 423 – Ao orarmos Senhor.

Oração de intercessão (o grupo pode realizar orações de intercessão, enfocando situações que estejam presentes na realidade local): Senhor, nosso Deus, que em Jesus sofreste violência para nos mostrar o amor e nos ofertar salvação, tenha piedade de nós, quando em nossas ações, continuamos a pregar Cristo, na cruz. *Senhor escute a nossa oração.*

Senhor, intercedemos pela humanidade, para que as pessoas sejam mais tolerantes, mais compreensivas, umas com as outras, especialmente, com aqueles que são e tem opiniões diferentes.

Intercedemos pela paz nas relações familiares. Que pais e filhos, marido e esposa, possam vivenciar o amor, o respeito, direitos iguais, liberdade, carinho, tolerância, diferença...

Intercedemos pelas pessoas que sofreram e sofrem violência. Ajude, para que encontrem caminhos de superação. Que possam ser apoiadas por outras pessoas e instituições, que consigam se libertar.

Senhor, pedimos para que distâncias entre as pessoas sejam diminuídas, em prol de uma cultura de paz. Que haja apoio aos projetos e ações que lutam contra a violência.

Senhor, ajude-nos a sermos agentes de transformação, no exercício do bem e na igualdade de direitos entre todos. E, as ações da humanidade que geram guerra, possam ser transformadas em atitudes que provocam e geram paz. Que possamos viver o Teu Evangelho de Paz, em todos momentos e lugares. Amém.

Gesto da paz

Dirigente: Temos problema de divisão em nosso grupo em nossa Comunidade? Em nossas orações, sempre declaramos nosso amor a Deus, mas não nos preocupamos com a pessoa que está ao nosso lado. Se alguém é desconhecido, nem mesmo perguntamos seu nome. Somos indiferentes. E ser indiferente também é um sinal de violência. Pois, conforme I Jó 4.20: “aquele que disser que ama a Deus e não amar o seu irmão, é mentiroso”. Amar a Deus e virar as costas para o outro não corresponde com o desejo de Deus, e muito menos, com a vontade de Jesus. Amar o próximo é ter para com ele um gesto de carinho, de afeto, de ajuda, de incentivo.

(Faça um gesto, abrace, beije, acaricie a pessoa ao lado e deseje paz. Aqui os lenços podem ser entregues um ao outro.)

Compromisso com a paz – contra a violência

Dirigente: As pessoas não suportam mais ouvir e falar em violência. Todos os dias as manchetes da imprensa estão a relatar agressões, desrespeito, crueldade. Parece que não temos nada mais a apresentar como sociedade, a não ser violência, discórdia e agressão. Precisamos sair desta realidade. Urge fazer algo para modificar as relações entre as pessoas.

Joana exercitou, por um instante, a possibilidade de ser ela mesma, de viver sua própria história, mas não conseguiu prosseguir. Mas é necessário sermos persistentes na construção da dignidade e da paz. Às vezes, somos poucos corajosos e muito tímidos. Isto só será vencido através da fé e da união em torno de um mesmo objetivo, onde todos conhecem o lugar onde querem chegar e se respeitam na caminhada.

A mulher da OASE, a mulher luterana, ainda está pouco inserida neste processo de discussão. Precisa abrir-se mais para assuntos que dizem respeito a sua vida, ao seu ser mulher. Conhecer leis, direitos, ocupar espaços de liderança e de trabalho. Quanto menos ocupar espaços e menos se conhecer a si e seus direitos, mais vulnerável está e mais aberta para ser vítima da violência. É tempo de não se calar. É tempo de se dar oportunidades, discutir e realizar. Capacitar-se e transformar o meio. Então, que compromisso queremos assumir para sermos instrumentos de uma cultura de paz?

(Com o estudo e envolvimento com o tema, o grupo vai sentindo-se desafiado a realizar algo, uma ação concreta, que ajude a preservar a paz e que afaste a violência. Vamos nos perguntar, como podemos ser instrumentos de Deus para transformar as realidades de violência?. A seguir alguns aspectos que podem ajudar o grupo a descobrir como agir, se assim for do interesse do grupo)

1. O que é necessário para viver uma cultura de paz? Envolver-se de forma continuada na temática, estudar o assunto. Levar a proposta para dentro da Igreja, nos grupos de jovens, de senhoras, entre outros. Levar a proposta à escola, para grupos e organizações sociais, de modo a serem divulgadores e parceiros da proposta;

2. Trabalhar na formação das pessoas, para servir como agentes de prevenção;

3. Estudar a Legislação, direitos humanos, lei Maria da Penha, ECA;
4. Utilizar meios de comunicação para divulgar a proposta;
5. Verificar sinais de violência entre os participantes do grupo e em torno do grupo e ver formas de eliminá-la;
6. Denunciar as violências constatadas;
7. Envolver-se com a proteção às vítimas de violência.

Oração final (A oração pode ser espontânea): Senhor, nosso Deus, queremos agradecer pelo nosso encontro, pelos ensinamentos, pelo crescimento que tivemos, pela Tua presença. Obrigado por nos ensinares, a Tua vontade, mesmo quando estamos resistentes, apáticos e confusos. Tu nos fazes acreditar que é possível construir um mundo de paz, sem violência. Que tenhamos forças para afastar de nós e de nosso redor, tudo aquilo que gera violência. Que tenhamos capacidade de ajudar os que sofrem maus tratos, os que perdem o direito à liberdade, os que são oprimidos e violentados. Dá-nos Tua mão, para sermos o ombro amigo aos violentados e protege nosso andar para permanecermos firmes na fé e servirmos com amor na defesa da paz e da justiça. Quando fraquejarmos, ajude-nos a levantar e continuar a servir. Perdoa-nos, quando falharmos. Renova-nos com Teu Espírito Santo e ajuda-nos a permanecer juntos na luta contra a violência. Que nossa voz, ecoe por todos os lugares e seja um grito de indignação e de testemunho. Dá-nos Tua paz. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Pai Nosso.....

Benção (cada participante do grupo coloca sua mão na cabeça do seu vizinho, de forma que o círculo se feche):

Deus da vida , do amor e da paz,
Em Jesus Cristo, te abençoe.
Te ampare, quando caíres,
Te fortaleça, quando estiveres fraco,
Te dê a Sua luz, quando sobre ti se abater a escuridão,
Te dê o ouvido amigo, diante da tua solidão,
Te proteja no teu caminho,
Te inclua na comunhão dos que lutam pela paz.
Amém.

Canto: HPD II – 432 – Se caminhar é preciso.

Família e Violência Doméstica

Valburga Schmiedt Streck

Psicóloga, Professora da Faculdades EST, São Leopoldo (RS)

No início do casamento, Ângela e Dilson estavam muito felizes. Apesar de que durante o namoro ele a tenha humilhado, Ângela nunca deu muita atenção ao fato. Apenas depois do nascimento da primeira filha, é que Dílson começou a mudar de comportamento: não queria que ela visse suas amigas e achava que todas a levavam para o mau caminho. Ele começou a sair com colegas e voltava tarde da noite. Ângela percebeu que o consumo de álcool mudava o seu comportamento e que, quando alcoolizado, a agredia verbalmente cada vez que tinham um argumento. Certa noite, Ângela o esperou com a janta, mas ele voltou de madrugada. Ela adormeceu no sofá da sala e quando acordou, ao ver o marido entrar na casa, o questionou sobre a hora de voltar, dizendo que não agüentava mais viver assim. Dílson respondeu que estava cheio das reações dela e que havia mulheres muito mais carinhosas do que ela. Ela retrucou, Dílson deu um tapa no rosto e continuou batendo nela. Ângela caiu no chão e ele continuou chutando e esbofeteando-a. As crianças acordaram e começaram a gritar, enquanto que Ângela pedia para ele parar. No dia seguinte, Dílson pediu desculpas e Ângela tinha certeza que ele nunca mais faria isso. Passaram os anos e a violência de Dílson aumentou. Ângela estava cada vez mais deprimida e isolada, a ponto de nem visitar mais a sua família. Tinha vergonha que alguém pudesse ver os hematomas no seu rosto e corpo.

Infelizmente, o lar é para muitas mulheres e crianças um lugar mais inseguro do que caminhar numa estrada escura durante a noite. A violência doméstica cresce em todo o mundo de forma alarmante e se sabe que 75% dos abusadores de mulheres e crianças são pessoas do círculo mais íntimo das vítimas: maridos, pais, padrastos, irmãos, namorados. Claro que também há mulheres que abusam de homens e de crianças, assim como há irmãos que matam irmãs ou filhos que abusam dos pais ou avós. Mas 90% dos agressores em caso de violência doméstica são homens.

Em geral, as mulheres vítimas de violência têm entre 30 e os 50 anos, sendo a maioria casada e geralmente com dois ou mais filhos. Muitos agressores são pessoas bem pacíficas e bem relacionadas, mas quando estão sob efeito do álcool se tornam violentos. Se a mulher ou companheira denuncia o homem que a agrediu, pode significar que ele seja desmoralizado perante seus companheiros ou que perca o seu trabalho. Afinal, muitos homens dizem que nenhum deles quer ter uma mulher mandona em casa. Quem manda no terreiro é o galo! Isso é bem comum ouvir no nosso contexto. Por isso, o fim do casamento nem sempre significa que a mulher e os filhos estejam livres da agressão. Para muitos homens, a idéia de que vão perder o poder sobre a sua companheira traz uma grande insegurança. Quando Maria disse a Pedro que queria a separação, ele imediatamente perguntou com quem estava dormindo. A vida de Maria virou um inferno e, numa noite, depois que o casal voltou de uma festa, ele a obrigou a ter sexo com ele. Maria se negou e ele enfurecido a esfaqueou várias vezes, perfurando o pulmão. Maria ficou meses no hospital e nunca mais recuperou sua saúde. Pedro casou com outra mulher com quem tem três filhos.

A violência doméstica acontece em todas as classes sociais. No entanto, as mulheres da classe média e alta em geral têm mais recursos à mão, como por exemplo, contratar um advogado para as defender. Muitas mulheres não têm coragem para denunciar o companheiro, porque ele sempre promete mudar, mas nunca muda e nunca vai mudar. Após anos de humilhação e violência, a depressão é tão grande que a gente nem consegue mais imaginar uma vida diferente. Entre as razões que as vítimas acham para não denunciar a violência doméstica se encontram as seguintes: não perder a casa e o meio ambiente em que a gente vive, não tirar o pai das crianças, questões financeiras, questões religiosas (Deus quis esta união e o que Deus abençoou o ser humano não deve separar) ou ainda questões culturais. Por outro lado, o fato de ter sido vítima de abuso durante a infância faz com que mais facilmente se entre numa relação de abuso. Quando se tem uma baixa auto-estima é comum escolher uma pessoa que demonstra segurança e firmeza nas decisões. E aí começa, em geral, um ciclo que muitas vezes acaba de forma trágica.

Jovem, bonito e esportista, Carlos era o rapaz mais admirado entre os rapazes da turma e tinha como fãs todas as moças da turma. Entretanto, casou com Ana, uma moça tímida e insegura que mal conseguia acreditar que foi a garota escolhida por Carlos. Depois de um casamen-

to de 15 anos, Ana acabou no hospital com graves fraturas e finalmente admitiu para a polícia que Carlos a agrediu.

Infelizmente, até que um agressor é denunciado, a escalada da violência pode ter graves conseqüências. Proteger o agressor não ajuda nem a vítima nem ao agressor. Por isso, é importante que as vítimas não se calem, mas denunciem para que também o agressor possa ser ajudado. Quanto mais cedo, melhor. Durante alguns mil anos os homens tiveram o direito sobre as suas mulheres. A própria palavra *família* significa: *todos os que estão sob o pátrio poder*, ou todas as pessoas que estão sob o poder do pai. Quem estava sob o poder do pai? A mulher, os filhos, os empregados e parentes que viviam junto na mesma casa e dependiam dele. Assim, o casamento era uma questão de propriedade e de política. Durante muito tempo, as leis defendiam os maridos para castigar fisicamente as suas mulheres. Eles podiam exercer a força física para obter o *direito matrimonial*, ou para ter relações sexuais com elas. Em algumas, culturas ainda hoje se diz que, quanto mais o homem é violento com a sua esposa, mais ele gosta dela. Em muitos lugares no nosso contexto ainda se acha que as mulheres devem ser submissas aos homens e que elas são inferiores a eles.

Nos últimos 40 anos, a nossa sociedade passou por grandes mudanças e as mulheres conquistaram um espaço como nunca tinham anteriormente. A mulher deixa de ser submissa e considerada inferior ao homem. Não sendo mais vista como propriedade do homem, ela está em nível de igualdade com o sexo oposto. Isso significa que novas formas de viver junto, como homem e mulher, devem ser encontradas. Mas não adianta só isso se as instituições como a família, a Igreja, o Estado, a escola, continuam entendendo que a mulher deve ser submissa ao homem e que as velhas estruturas de opressão não devem mudar.

A violência doméstica faz parte de um ciclo de violência dentro do nosso contexto social, onde outros tipos de violência acontecem, como a violência econômica, a violência contra o meio ambiente, a violência contra crianças etc. É importante que as mulheres e também os homens apoiem a denúncia contra a violência doméstica, porque assim podemos quebrar esse ciclo. Por isso, denunciar estruturas de poder e opressão, e formando redes de apoio para acabar com a violência doméstica bem como em outros níveis, são passos importantes para que mulheres e homens possam viver em parceria.

Encontros e conversas que dizem NÃO à Violência contra as mulheres

Elaine Gleci Neuenfeldt

Pastora, Professora da Faculdades EST, São Leopoldo (RS)

Introduzindo o tema

Violência contra as mulheres é um tema que deve seguir fazendo parte da agenda dos grupos de mulheres da Igreja. A igreja não pode se omitir diante da responsabilidade de falar abertamente sobre o tema da violência contra as mulheres e assim romper o silêncio cúmplice do sofrimento de tantas mulheres.

Conversar sobre o tema no espaço da Igreja oportuniza que o mesmo saia do âmbito doméstico e se misture com os assuntos da vida comunitária; permite que o assunto saia do âmbito do cochicho e entre nos espaços públicos e assim responsabilize e comprometa as pessoas em atitudes que busquem a transformação desta situação.

Dinâmica do fuxico

Em pequenos grupos:

Recortar pedaços de tecido em forma de círculo. Dobrar duas vezes o círculo ao meio para que o pedaço de pano vire um triângulo. Costurar as bordas. Fazer cinco triângulos destes. São as cinco pétalas da flor. Depois, costurar as cinco pétalas umas nas outras para formar a flor.

Enquanto faz a dinâmica do corte dos panos, da costura e da montagem da flor conversar sobre:

- quais as situações de violência que eu enfrentei na vida?
- qual é a minha percepção sobre o tema? Como me afeta a discussão do assunto?
- quais os caminhos e possibilidades que são vislumbradas pelo grupo no enfrentamento e superação da violência contra as mulheres?

Partilha

Partilhar as conversas dos grupos em plenária. As pessoas que coordenam devem ir sistematizando, amarrando algumas questões e cuidando para que o clima seja de confiança e de cuidado afetivo.

Encerrando...

Para encerrar... orar, abraçar, cantar, chorar...

Ler o salmo 55 como voz de mulheres que sofrem violência.

Soprar para fora do círculo – que o sopro leve as dores, as tristezas, os medos, a solidão, a vergonha... e leve também a cura, o afeto, o carinho, a amizade.

Subsídios para o estudo

Por que falar sobre este tema dentro da Igreja? Este é um assunto que tem a ver com a nossa vida de fé? **(Baseado no documento: As Igrejas dizem NÃO à violência contra as mulheres, da Federação Luterana Mundial)**

Seguramente que sim, é um assunto que tem a ver com as igrejas, uma vez que tudo aquilo que afeta um dos membros do corpo de Cristo, afeta a todo o corpo. Não é possível pensar que mulheres continuem sendo espancadas, machucadas em seu corpo e tendo a sua integridade física ameaçada e que o silêncio continue a reinar nas nossas igrejas. Já não queremos e não podemos mais ficar com os olhos fechados ou fazendo de conta que não escutamos os gemidos das nossas irmãs que sofrem, muitas vezes em silêncio, por vergonha, por medo, por não encontrarem lugar e espaço para falar da sua dor.

Se quisermos ser igreja que segue o exemplo de Jesus Cristo, o assunto da violência contra as mulheres precisa ser tratado em nossas reflexões, em nossos grupos de estudo. Para tanto, podemos seguir algumas propostas:

Aprender a chamar a violência pelo seu nome: pecado. A igreja tem sido o espaço de denúncia para muitas situações de injustiça e de dor. Então, é necessário que se tome uma atitude profética também no assunto da violência contra as mulheres.

Refletir sobre as diferentes características que a violência contra a mulher adquire na sociedade e na igreja.

- A violência muitas vezes se cimta sobre um modelo de família baseado em valores patriarcais, e limitantes em relação às mulheres
- Perceber quais os efeitos que a modernização e a globalização da economia têm sobre as situações de violência contra as mulheres
- Analisar como os meios de comunicação contribuem para intensificar e normalizar a violência

Propostas práticas para as igrejas

- Exercitar uma linguagem mais inclusiva para referir-se a Deus. Imagens de Deus que refletem a experiência masculina, que são imagens masculinas, como Pai, Rei, Senhor, Juiz... A metáfora masculina para Deus imprime um gênero para o sagrado, dando supremacia a esta forma de nomear a divindade. Torna-se uma tarefa desafiadora, então, falar de Deus como mistério, como força presente na vida cotidiana das pessoas.

- Ensaiar novas formas e metodologias de trabalhar com textos bíblicos. O uso literal de alguns textos dificulta uma compreensão mais contextualizada da palavra de Deus. Precisamos recuperar, especialmente como luteranas, a capacidade de leitura e estudos de textos bíblicos. Podemos promover reflexões comunitárias que ampliam nossos entendimentos sobre os textos bíblicos, sobre como se misturam vida e texto bíblico. Exemplo: Trabalho de um texto bíblico específico: 2 Samuel 13. A violência sexual que Tamar, a filha do rei Davi, sofre. Desafiar para trabalhar textos que tratam da violência contra a mulher na Bíblia, texto difíceis, textos de terror. Uma forma de abordar estes textos é entendê-los no âmbito do testemunho da história de dificuldades e limitações que são enfrentadas pelo povo de Deus.

Dialogar sobre como ajudar as vítimas

- Buscar em conjunto medidas que podem ser tomadas quando uma mulher conta que foi vítima de violência
- Estabelecer redes de ajuda: colocar em contato e reunir diversas organizações que trabalham com vítimas de violência, delegacias, etc...
- Oferecer espaços de conversa, espaços seguros e de confiança onde as mulheres podem abrir seu coração contando suas dores.

- Promover grupos de ajuda mútua, onde as mulheres podem falar abertamente, sem medo de que sua vida vai ser levada para fora dali;
- Nos dias destacados do calendário litúrgico ou normal, falar, pregar ou lembrar em ações ou orações as vítimas e as implicações da violência contra a mulher.
- Prever em orçamento de comunidades, de paróquias, de sínodos, cursos e palestras sobre o tema da violência contra a mulher.

O que pode ser feito com os homens agressores? Como trabalhar para que os homens aprendam relações de não-violência?

- Promover grupos de homens nas comunidades, que se reúnem para refletir sobre assuntos que tem a ver com o jeito como foram construídos e educados em seu ser de homem.
- Promover conversas pastorais com homens agressores;
- Refletir sobre violência com grupos de jovens, confirmandos etc para ampliar a idéia de que podemos nos relacionar sem violência.

Liturgias – orações – espiritualidade

- Incluir imagens femininas e outras imagens e metáforas que vão além dos gêneros para falar sobre Deus.
- Pensar em um dia de solidariedade com as mulheres, e celebrar este dia, refletindo sobre o tema da violência contra as mulheres.

Textos bíblicos que podem servir de consolo:

Sl 7.1-4; 6. 8-11; 10; 12; 13; 17; 31.14-16; 55; 62. 2-7, Is 40; 41.10-13; 43.1-3; 49.15; Jó 21.7; 9.14-16; Mt 11.28-30; Lc 11.5-13; Ro 8.18-25; Jo 14.27; 16.21-24.

CELEBRAÇÃO

Vencendo a Violência: falar e não mais silenciar

Claudete Beise Ullrich
Pastora da IECLB, Jaraguá do Sul (SC)

Prelúdio

(Sugestão: Maria, Maria (Milton Nascimento))

Acolhida

D.: Estendemos as nossas mãos e repartirmos um copo de água fresca com todas as pessoas que buscam forças para vencer a violência tão presente entre nós. (Pessoas – entregam um copo de água fresca, enquanto as pessoas vão estendendo as suas mãos em forma de saudação)

Hino de Entrada: Água

(Simeí Monteiro/Albete Monteiro)

Aqui chegando, Senhor,/ que poderemos te dar?
Um simples coração/ e uma vontade de cantar,
Recebe o nosso louvor/ e a tua paz vem nos dar.

A tua graça, Senhor, melhor que a vida será
E o teu amor em nós será manancial.
De água boa a jorrar / Para nossa sede estancar.

D.: Estamos reunidos e reunidas em nome do Deus da vida, em nome de Jesus Cristo que nos ensinou a viver o amor e em nome do Espírito Santo que nos impulsiona a buscar relações de justiça e dignidade. Amém.

Confissão de Pecados

D.: Ó Deus da vida, pedimos perdão, pelas muitas faces da violência em nosso cotidiano.

C.: Ó Deus, tem compaixão de nós e perdoa-nos!

D.: Confessamos que cresce entre o índice de violência contra as mulheres. Elas sofrem violência doméstica, física, psíquica, sexual, emocional... Ainda existe muito silêncio em torno da violência entre nós, perdão bondoso Deus.

C.: Ó Deus, tem compaixão de nós e perdoa-nos!

D.: Pedimos perdão, pois a violência também se mostra em nossas comunidades e famílias cristãs. O racismo, a discriminação e a exclusão são algumas das faces de como a violência se mostra entre nós, perdão Deus da vida e da justiça.

C.: Ó Deus, tem compaixão de nós e perdoa-nos!

Momento de oração silenciosa

Kyrie – Pelas dores deste mundo

(Letra e música: Rodolfo Gaede Neto)

C.: canta: Pelas dores de mundo, ó Senhor, imploramos piedade.

A um só tempo geme a criação.

Teus ouvidos se inclinam ao clamor desta gente oprimida.

Apressa-te com tua salvação.

A tua paz, bendita e irmanada co'a justiça, abraça o mundo inteiro.

Tem compaixão. O teu poder sustente o testemunho do teu povo.

Teu reino venha a nós! Kyrie eleison!

Palavra de confiança, segurança e proteção: Leitura Responsória do Salmo 91¹

1 – Aquele que procura segurança no Altíssimo Deus e se abriga na sombra protetora do Todo-poderoso pode dizer ao Deus Eterno:

2 – Tu és o meu defensor e o meu protetor. Tu és o meu Deus, e eu confio em ti.

1 – Deus livrará você de perigos escondidos e de doenças mortais.

2 – Ele cobrirá você com as suas asas, e debaixo delas você ficará seguro. A fidelidade de Deus o protegerá e defenderá.

1 – Você não terá medo dos perigos da noite nem dos assaltos durante o dia.

1 Num momento de aconselhamento pastoral à uma mulher vítima da violência doméstica, ela me contou que buscava forças para sua vida no Salmo 91, por isso o trago como leitura coletiva pela comunidade reunida, segundo a Bíblia na Linguagem de Hoje.

2 – Não terá medo da peste que se espalha na escuridão nem dos males que matam ao meio-dia.

1 – Ainda que mil pessoas sejam mortas ao seu lado, e dez mil ao seu redor, você não sofrerá nada.

2 – Você olhará e verá como os maus são castigados.

1 – Você fez de Deus o seu protetor e do Altíssimo o seu defensor;

2 – Por isso nenhum desastre o ferirá, e nenhum mal chegará perto da sua casa.

1 – Deus mandará que os seus anjos cuidem de você para protegê-lo em todos os momentos da sua vida.

2 – Eles vão segurá-lo com as suas mãos, para que nem mesmo os seus pés sejam machucados nas pedras.

1 – Com os pés você esmagará leões e cobras, leões e cobras, leões ferozes e cobras venenosas.

2 – Deus diz: Salvarei aqueles que me amam e protegerei os que me conhecem como o Deus Eterno.

1 – Quando eles me chamarem, eu responderei e estarei com eles nas horas de aflição.

Todas/os: Como recompensa eu lhes darei vida longa e mostrarei que sou o seu Salvador.

Hino: Palavra não foi feita

(Irene Gomes)

Estr.: Palavra não foi feita para dividir ninguém,
Palavra é uma ponte onde o amor vai e vem,
Onde o amor vai e vem.

1. Palavra não foi feita para dominar,
Destino da palavra é dialogar.

Palavra não foi feita para opressão,
Destino da palavra é união.

2. Palavra não foi feita para a vaidade,
Destino da palavra é a eternidade,
Palavra não foi feita pra cair no chão,
Destino da palavra é o coração.

3. Palavra não foi feita para semear
A dúvida, a tristeza e o mal-estar.
Destino da palavra é a construção
De um mundo mais feliz e mais irmão.

Vencendo o silêncio: falar e não mais calar

(Entram pessoas com a boca tampada com um pano, tristes... sentam no altar... apáticas, não conversam entre si.)

Leitura Pausada do Texto de Juízes 19.1-30

Pequeno comentário – Este texto aponta para as marcas da violência sexual, psíquica, física, moral, emocional. O nome da mulher que sofre em seu corpo as marcas da violência não é mencionado. O silêncio em reina em relação à história de vida desta mulher: como ela era, o que ela fazia, o que ela sonhava... nada é dito.

No entanto, o texto traz a memória o sofrimento, a dor, a humilhação, a violência sofrida por esta mulher. O texto quer ajudar na reflexão sobre o ocorrido, chamando a atenção para que esta situação não mais se repita.

Ao mesmo tempo, o texto nos convida a sairmos do silêncio (as pessoas tiram os panos de suas bocas, mudam o seu semblante apático e dizem felizes em conjunto: “ponderai nisso, considerai e falai.” Vençamos o silêncio!)

Ponderai nisso, considerai e falai (Jz 19.30 c) é um desafio para as nossas práticas comunitárias e cristãs. Falar sobre as múltiplas faces da violência. Não mais silenciar. É necessário vencer o silêncio, para acontecer transformação. Somente assim é possível curar as marcas roxas escondidas nos corpos de mulheres, crianças. Precisamos criar espaços para falar, chorar e encontrar meios para a cura transformadora deste mal que é a violência. Falar sobre a violência é um dos primeiros passos para que a mesma não se repita. Buscar ajuda, sair do anonimato são formas de impedir a continuidade da violência em nosso cotidiano. A Palavra de Deus, assim como eles e meditamos no texto de Juízes, nos convoca a não mais ficarmos quietas, buscando formas alternativas na superação da violência. Deus nos oferece a sua Palavra, água fresca que nos orienta na caminhada.

(Momento de Partilha: situações de violências no contexto da comunidade.)

(Estender as mãos abraçar-se, repartindo novamente um copo de água fresca.)

Hino: Canto de Esperança

(Esther Cámac e Edwin Mora)

1. Quando se abate a esperança,
Ele se acerca e nos fala:
Olha a tua irmã que caminha
E luta buscando um mundo melhor.
Vê teu irmão engajado que transforma
A vida com sangue e suor.

Estr.: Cantemos ao nosso Deus,
Ele é o Senhor, Deus da vida.
Vai alentando a esperança
E veio a este mundo conosco lutar.

2. Quando se abate a esperança
Ele se acerca e nos fala:
Vai procurar tua irmã
Para juntar-te a ela no esforço da paz.
E a teu irmão vai unir-te,
Na luta da vida que o mundo refaz.

3. Quando se abate a esperança
Ele se acerca e nos fala:
Bem junto a mim continuem,
Permaneçam firmes, que firme estarei,
Fiquem comigo na luta,
Que força e vitória lhe concederei.

Oração em conjunto

Querido Deus, fonte de vida: colocamos na tua presença mulheres, crianças e pessoas conhecidas e desconhecidas que levam no seu corpo marcas visíveis e invisíveis da violência. Pedimos-te que restaures a sua dignidade como seres humanos amados e criados a tua ima-

gem e semelhança. Mostra-lhes o caminho da cura. Encoraja-lhes a falar e não calar diante da opressão. Faça com que a nossa comunidade seja um lugar de aconchego e de acolhimento, restaurando a confiança e a esperança. Em nome de Jesus Cristo, que acolhe e vem ao encontro de todas pessoas. Amém.

Pai-Nosso de mãos dadas

Bênção

Deus, fonte da vida, abençoe o teu viver,
em todas as estações da vida...
Primavera...verão...
Outono...inverno...
Na alegria...na festa...
Na tristeza...no luto...
Na saúde...na doença.
Que Deus te ajude a falar
e não silenciar diante das muitas faces da violência,
Deus, fonte da vida, abençoe o teu viver,
durante o dia...durante a noite...
no brilho do sol... no cair da chuva...
na escuridão das trevas...no iluminar das estrelas e da lua...
Deus, fonte da vida, abençoe o teu viver.
nas horas de trabalho...
na produção...na criação...
dando-te prazer e alegria naquilo que fazes.
Deus, fonte da vida, abençoe o teu viver,
no descanso...no lazer...
para que sejam “curtidos” como graça da eternidade!
Deus, fonte da vida, abençoe o teu viver,
para que a tua vida seja plena,
fonte de bênçãos,
jorrando águas vivas sobre
o chão que vieres a pisar. Amém.